



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

EDURCILÉA REGINA MICHELLE DA SILVA ALVES

**PULSÃO ESCÓPICA:
OLHAR, PSICANÁLISE & MITOLOGIA**

CAMPINA GRANDE – PB

2013

EDURCILÉA REGINA MICHELLE DA SILVA ALVES

**PULSÃO ESCÓPICA:
OLHAR, PSICANÁLISE & MITOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de bacharel/licenciado em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB

2013

A474p Alves, Edurciléa Regina Michelle Da Silva.

Pulsão escópica [manuscrito] : olhar, psicanálise & mitologia / Edurciléa Regina Michelle da Silva Alves. – 2013.

19 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.

“Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio, Departamento de Psicologia”.

1. Psicanálise. 2. Mitologia. 3. Pulsão escópica. I. Título.

21. ed. CDD 158.7

EDURCILÉA REGINA MICHELLE DA SILVA ALVES

**PULSÃO ESCÓPICA:
OLHAR, PSICANÁLISE & MITOLOGIA**

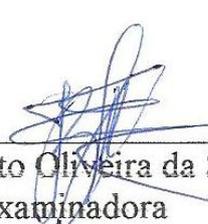
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de bacharel/licenciado em Psicologia.

Aprovada em 10/09/2013.

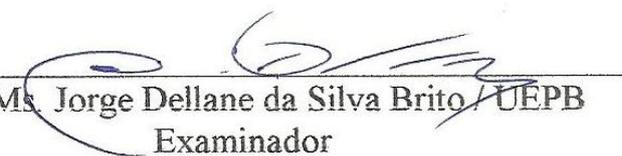
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Orientador



Prof.ª Dr.ª Jailma Souto Oliveira da Silva / UEPB
Examinadora



Prof. Ms. Jorge Dellane da Silva Brito / UEPB
Examinador

PULSÃO ESCÓPICA: OLHAR, PSICANÁLISE & MITOLOGIA

ALVES, E.R.M.S

RESUMO

O presente estudo de cunho teórico está edificado no diálogo entre psicanálise e mitologia. Amarrado pelas leituras de Freud (1915) e Lacan (1964) tem por objetivo relacionar e/ou identificar o conceito de pulsão escópica com o olhar, na mitologia grega. Para tanto, tal investigação se deu a partir do recorte dos seguintes mitos: Argos, Medusa, Narciso, Édipo e Tirésias, interpretados numa perspectiva psicanalítica. A importância da mitologia para a ciência fundada por Sigmund Freud é espantosa, tendo em vista que muito da teoria psicanalítica foi estabelecida com base nos mitos, emergindo, daí, os principais conceitos chave da psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Pulsão escópica. Psicanálise. Mitologia. Olhar.

PULSÃO ESCÓPICA: OLHAR, PSICANÁLISE & MITOLOGIA

Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade.

Fernando Pessoa

*E move-o, sem dúvida, ânsia do Infinito. [...]
E da terra os prazeres todos busca e sente. [...]
Nada há que o console ou que o apascente.*

Goethe

INTRODUÇÃO

A partir de uma perspectiva psicanalítica, debruçamo-nos sobre a mitologia e alguns de seus personagens, a saber, Argos, Édipo, Medusa, Narciso e Tírésias, neles buscando o olhar e procurando, neste trabalho, analisar a pulsão escópica, com base em Freud e Lacan.

Sabe-se que, Sigmund Freud buscou na mitologia e dela extraiu bases para a fundação da psicanálise, pois o mesmo, ao voltar seu olhar para a mitologia grega, faz emergir o “Complexo de Édipo”, conceito-chave na edificação de sua teoria. Nessa medida, obtempera Levi-Strauss (1986): “A grandeza de Freud vem, de um lado, devido a um dom que ele possui no maior grau: o dom de pensar à maneira dos mitos” (LEVI-STRAUSS, 1986, p. 34).

A fim de esclarecer o que ensina Lévi-Strauss e o que propomos quanto a mitos, necessária uma breve explanação. O filósofo romeno, naturalizado americano, Mircea Eliade vem nos dizer que mito:

é o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos dos princípios, *illo tempore*, quando, com a interferência de entes sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou tão-somente um fragmento, um monte, uma pedra, uma ilha, uma espécie animal ou vegetal, um comportamento humano (ELIADE *apud* BRANDÃO, 1986, p. 35).

Desse modo, nota-se que o mito nasce do desejo de entender o mundo na tentativa de dar conta do incompreensível. Busca, o ser humano, assim se acomodar e tranquilizar-se diante de um mundo cuja compreensão lhe escapa. E, para precisar ainda mais o conceito de mito, evocamos Brandão:

O mito expressa o mundo e a realidade humana, mas cuja essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou até nós através de várias gerações. E, na medida em que pretende explicar o mundo e

o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações. Decifrar o mito é, pois, decifrar-se (1986, p.36).

Assim sendo, notabiliza-se que o mito é, *a priori*, uma forma de significar o mundo, como modo de oferecer suporte ao entendimento dos enigmas da vida, estando agrupados no que se denomina Mitologia.

A Mitologia Grega, por sua vez, é composta basicamente por um conjunto de mitos sobre uma vasta figuração de deuses. Neste aspecto, vale ressaltar que “a mitologia grega chegou até nós através da poesia, da arte figurativa e da literatura erudita, ou seja, em documentos de cunho 'profano'." (BRELIICH *apud* BRANDÃO, 1986, p.26). Após essa breve explanação sobre a mitologia, é hora de seguir o itinerário mítico, para tratar dos cinco personagens que apresentaram em seus mitos uma questão específica relativa ao olho e ao olhar. Partiremos, então, da descrição de cada mito e suas respectivas nuances, que apontam para o estudo, aqui proposto, sobre os meandros da pulsão escópica.

Com o propósito de verificar a questão da pulsão escópica na Mitologia Grega, evocando os mitos de Argos, Édipo, Medusa, Narciso e Tirésias. Devemos esclarecer que, diante da existência de inúmeras versões para cada mito, buscamos nos deter ao essencial que aqui nos compete, *i.e.*, a questão do olhar, pois, como verificaremos mais adiante, perpassa os mitos ora citados, constituindo o ponto chave da investigação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pulsão escópica

Antes de nos determos em comentar a pulsão escópica, devemos entender o que vem a significar o termo pulsão. Objetivando isso, recorremos ao *Vocabulário da Psicanálise*, de Laplanche, o qual entende por pulsão o processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo (LAPLANCHE, 1983, p. 506).

Para Freud (*apud* Laplanche e Pontalis, 1983), uma pulsão tem sua fonte no estado de tensão somático, sendo necessária a supressão desse estado de tensão. É na descrição da sexualidade humana que se esboça a noção freudiana da pulsão.

Segundo Roudinesco&Plon (1998), Pulsão é um termo surgido na França em 1625, derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar, sendo empregado por Sigmund Freud a partir de 1905, e se tornando um conceito bastante utilizado na psicanálise, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem.

Freud, em 1915, caracterizando o que seja isso, no texto intitulado *As pulsões e seus destinos*, indica os quatro elementos da pulsão, a saber, a *pressão* [Drang], caracterizada como o fator motor, i.e., a soma da força que ela representa, [relacionando ao âmbito escópico, teríamos: o que leva alguém a olhar, movido pelo desejo de querer ver]; *meta* [Ziel] , que engloba a satisfação, [numa perspectiva escópica é o que se deseja ver (e que, claro, nem sempre é o que se enxerga)] ; *objeto* [Objekt], que “é a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade”, [aquilo para que se olha (e nem sempre se vê!)] ; e, por fim, a *fonte* [Quelle], “processo somático que ocorre num órgão ou em uma parte do corpo, e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão.” [Que, para o caso, não é o olho, vez que o olho é somente o elemento intermédio entre o objeto posto diante do olhar e aquilo que é o desejo de enxergar ou não enxergar].](FREUD, 1996, p. 149) Nesse cometimento aprofundemos, então, nosso “olhar” para a pulsão escópica, conforme assim nomeada por Jacques Lacan.

Freud nos dirá, “O prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais. [...] os olhos percebem não só alterações no mundo externo, [...] como também as características dos

objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor - seus encantos” (1910, p. 131). Temos, aí, a informação de que o olho não só vê como pode ter prazer em ver. Em “Pulsões e seus destinos” (1915), Freud define a reversibilidade na pulsão de ver, isto é, o que vai configurar o circuito pulsional do olhar, olhar-se, e ser olhado: “A finalidade ativa (torturar, olhar), é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). A reversão do *conteúdo* encontra-se no exemplo isolado da transformação do amor em ódio” (p.76).

Jacques Lacan, a partir da retomada a Freud, anuncia, no *Seminário Livro II – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, expondo que a pulsão escópica é a própria sexualidade e afirma que o objeto dessa pulsão é o olhar. Nessa medida, Lacan desenvolve a noção de olhar como objeto *a*, acrescenta às pulsões oral e anal, indicadas por Freud, as pulsões escópica e invocante. A pulsão escópica que, aqui, é o que nos interessa, tem como objeto o olhar.

Para tanto, pondera Lacan: “Em nossa relação às coisas, tal como constituída pela via da visão e ordenada nas figuras da representação, algo escorrega, passa, se transmite, de piso para piso, para ser sempre nisso em certo grau elidido – é isso que se chama o olhar.” (LACAN, 1998, p.74), sendo o olhar o menos apreensível dos objetos *a*, pois este atravessa o objeto, *i.e.*, o impossível de apreender.

Como tal pulsão está colocada em cada um dos mitos elencados? E antes disso, como está posta a questão do olho e do olhar em cada um deles? É o que veremos em seguida.

Argos e o olhar que vigia

“O Grande Irmão está observando você”

George Orwell

O mito de Argos ou aquele que não cessa de olhar, está associado à vaca Io. Ressaltemos, porém, que existem quatro Argos na mitologia, a saber, o Argos ao qual direcionamos nosso olhar era o filho de Arestore descendente de Zeus e Níobe. Dentro das inúmeras versões, apresentadas, possuía apenas um olho; em outras versões, quatro, dois voltados para frente e dois para trás. No entanto, a tradição mais seguida, porém, é a de que Argos era dotado de cem olhos. Hera o encarregou de vigiar a vaca Io, de quem estava enciumada. Argos amarrou-a numa oliveira de um bosque sagrado de Micenas. Graças a seus cem olhos, podia vigiá-la com grande eficiência, pois, quando dormia, fechava apenas cinquenta. Hermes, todavia, recebeu ordem expressa de Zeus de libertá-lo. A maneira como o fez varia muito no mito. Em uma versão, o filho de Maia teria liquidado Argos com uma pedra, lançada de longe. Em outra, tê-lo-ia adormecido, tocando a flauta mágica de Pã. Uma vez mergulhado em sono profundo, Hermes o matou. Para imortalizá-lo, Hera lhe tirou os cem olhos e os colocou na cauda do pavão.

Esse olhar, que é dirigido a Io, funciona como um Outro, que sempre vigia, pois só metade dos olhos repousa e, portanto, a faz velar. O sujeito aí é vigiado por essa instância do supereu que representa os olhos de Argos, posto que esse olhar remete ao castigo de Hera em relação a Io, pela possibilidade dessa ser amante de Zeus. Argos indica que somos olhados por toda parte. Temos aí, nos dizeres de Lacan, “a existência de um olhar – eu só vejo de um ponto, mas em minha existência sou olhado de toda parte” (LACAN, 1998, p. 73).

Para Quinet,

O supereu é de fato um olhar que vigia, mas é também um saber do qual o sujeito não pode se esconder: seu corpo, seus atos e seu pensamento são, aí transparentes [...] o excesso de olhar do Outro é um excesso comandado – um mais-de-olhar que surge no campo do Outro promovendo no sujeito o empuxo-a-ser-visto (2002, p. 242).

Dessa forma, no mito, fosse qual fosse à posição, Io era vista, mesmo que de costas, Argos os olhos presos em Io tinha.

Medusa, a voragem do olhar

“[...] o monstro de olhar mortal.”

Vernant

Conta-se que Medusa era uma jovem lindíssima e muito orgulhosa de sua cabeleira. Tendo, porém, ousado competir em beleza com Atená, esta eriçou-lhe a cabeça de serpentes e transformou-a em Górgona. Há uma variante: a deusa da inteligência puniu Medusa, porque Posídon, tendo-a raptado, violou-a dentro de um templo da própria Atená.

Consoante Brandão, “Gorgó, nome do demônio-feminino de olhar terrível, que petrificava” (1991, p.470). Medusa é, então, sinônimo do olhar que petrifica. É aquela que não é possível olhar sem morrer, sem ser petrificado, transformado em objeto.

Na *mise-en-scène* do mito de Medusa, temos o olhar que aniquila, “... pois o olhar não pode se ver senão ao preço do desaparecimento do sujeito pois toda pulsão é, também, pulsão de morte” (QUINET, 2002, p.11). O olhar configura-se aqui, como gozo escópico.

Para Assoun (1999), “a vítima da medusa não fica cega; pelo contrário, seríamos tentados a dizer: ela se torna todo olhar.” Ou seja, ele passa a ser vítima da contemplação diante do horror/fascínio, pois há uma fixidez sobre o objeto alvo. Perseu escapa, justamente pelo desvio da imagem através do escudo, vitimando a medusa com o seu próprio olhar mortífero.

Em tais imbricações, revela-nos Vernant:

Na face de Gorgó, opera-se como que um efeito de desdobramento. Pelo jogo da fascinação, o *voyeur* é arrancado a si mesmo, destituído de seu próprio olhar, investido e como que invadido pela da figura que o encara e, pelo terror de seus traços e seu olho mobilizam, apodera-se dele e o possui (1991, pp. 103-104).

E, assim, faz-se mirada do outro, pois se está petrificado. Essa fascinação pondera Nasio, “é o modo como se atualiza, o modo como se manifesta a emergência de um olhar inconsciente” (1995, p.34). O sujeito é tragado, devorado pelo olhar mortal da medusa, ali falta a visão e o sujeito é todo tomado pelo olhar.

Narciso e o mergulho no olhar

*“O sujeito pode apenas desejar, só o objeto
pode seduzir.”*

Jean Baudrillard

“É que Narciso acha feio o que não é espelho.”

Caetano Veloso

Evoquemos Ovídio *apud* Carvalho (2010), por sua vez, nas *Metamorfoses* III, 414-428 para relatar a grande tragédia.

Deitou-se e tentando matar a sede,
Outra mais forte achou. Enquanto bebia,
Viu-se na água e ficou embevecido com a própria imagem.
[...]
O mesmo erro que lhe engana os olhos, acende-lhe a paixão.
Crédulo menino, por que buscas, em vão, uma imagem fugitiva?
O que procuras não existe. Não olhes e desaparecerá o objeto de teu amor.
A sombra que vês é um reflexo de tua imagem.
Nada é em si mesma: contigo veio e contigo permanece.
[...]
Estirado na relva opaca, não se cansa de olhar seu falso enlevo,
E por seus próprios olhos morre de amor.

O mito de Narciso evoca bem o olho enquanto função háptica¹, o para além do ótico, numa espécie de tocar com olhos, desnudar e/ou acariciar, no que concerne ao olho o estender-se da pulsão sexual. Narciso não consegue deixar de olhar-se, pensando olhar um outro, “o outro-si-mesmo contém o objeto a olhar causa do desejo” (QUINET, 2002, p 27).

Desse modo, Narciso cai no abismo do olhar, ele se vê imóvel, tomado de desejo por uma imagem que captura seu olhar, que o mantém estagnado, diante do fascínio do outro eu, capturando-o até a morte.

Narciso olha, e é acometido por seu próprio olhar. Dito de outro modo, ele é conduzido a “olhar-se²” [tempo reflexivo], lança o “olhar” e é surpreendido por “ser olhado”.

¹ DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Mil Platôs - Capitalismo e esquizofrenia* vol. 5. Descreve bem o termo: *Primeiramente, trata-se de uma "visão aproximada", por oposição á visão distanciada; é também o "espaço tátil", ou antes o "espaço háptico", por diferença ao espaço óptico. Háptico é um termo melhor do que tátil, pois não opõe dois órgãos dos sentidos, porém deixa supor que o próprio olho pode ter essa função que não é óptica. Aloïs Riegl, em páginas admiráveis, foi quem deu a esse par Visão aproximada-Espaço háptico um estatuto estético fundamental.*

² Cf. FREUD, S. *As pulsões e seus destinos* (1915) In *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

Diante disso, obtempera Lacan:

Desde a primeira aproximação, vemos, na dialética do olho e do olhar, que não há de modo algum coincidência, mas fundamentalmente logro. Quando, no amor, peço um olhar, o que há de fundamentalmente insatisfatório e sempre falhado, é que – *Jamais me olhas lá de onde te vejo.* (1998, p.100)

E o olhar é isso, súplica em forma de demanda do Outro. Nesse mito temos a emergência do olhar, posto que configurou-se a fascinação de Narciso por Narciso - e aí temos o olhar como, “aquilo que escapa ao campo da visão inaugura o que é da ordem do olhar, do desejo de ver. (...) O olhar está fora de qualquer captura especular” (SCHEINKMAN, *apud*, MOTTA & RIVERA, 2005, p. 674).

Esse objeto agalmático, que é o olhar, como precisa Quinet (2002) é trapaceiro por ser o mais inapreensível, pois constitui o objeto causa do desejo, olhar enquanto objeto *a*.

Portanto, a partir do mito de Narciso, somos levados à aquisição de que “O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável, porém, é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha” (DIDI-HUBERMAN, G. 1998, p.29). Esse objeto precioso nos escapa, configurando-se como o impossível de possuir.

Édipo e o horror em olhar

*Ele sabia que estava morto.
O crime de existir.
Lacan*

Édipo assassina o pai, desposa a mãe. Em vista disso, constitui-se a tragédia de Édipo. A seguir expomos o excerto da peça de Sófocles que nos interessa:

[...] arrancando os colchetes de ouro da veste que cobria Jocasta, Édipo fere os próprios olhos, porque, dizia, não tinham visto nem as suas desgraças, nem os seus crimes, e agora, nas trevas, já não veriam os que ele não devia ver, já não reconheceriam os que lhe houveram sido agradável reconhecer Assim falando, bate e dilacera repetidamente as pálpebras; ao mesmo tempo, os olhos, ensangüentados, lhe banhavam o rosto, e não eram apenas gotas que deles caiam, era uma chuva de sangue (Sófocles *apud* Menard, 1991, p.37).

Precisemos melhor, posto que não nos interessa, aqui, o assassinato do pai, tampouco a ação incestuoso com a mãe. Aqui o que queremos salientar é esse momento de encerrar em

si o ato de ver, causando a própria cegueira, esta ocasionada pelo o horror da cena que se configurou no momento de desvelamento para Édipo, esse campo escópico o aflige e ele, numa atitude desesperada de não querer ver, passa ao ato e cega-se. Melhor diz Quinet, sobre esse mito transformado em peça por Sófocles: “O desenrolar da peça vai da cegueira dos fatos a cegueira de fato...” (2002, p.263). A peça é atravessada pela esquizo entre a visão e olhar.

Diante da cena que se depara Édipo, lhe é demandado fechar os olhos e num ato violento cega a si mesmo. A cena fere e ele se fere *ad litteram*³. Mas não capitula de fato, pois só quando fica cego começa a enxergar o que outrora estava velado.

Há no mito uma precipitação abrupta sobre o caráter doloroso do olhar, há aí uma espécie de trauma escópico, a dor insuportável do contexto, que se revela com uma lucidez excessiva e toma uma proporção chocante aos olhos de Édipo. Diante do opróbio, Jocasta passa ao ato (suicidando-se) e Édipo mutilando os próprios olhos.

Tirésias: um olhar a mais

“Fechemos os olhos para ver”
Didi-Huberman

Em Tirésias o olhar está presente, lá onde falta a visão, posto que, este é o cego que “vê”. Aplica-se bem o que Janet *apud* Nasio (1995) aponta: “quando estamos cegos na consciência, olhamos no inconsciente” (p.34) Desse modo, Tirésias com o poder divinatório da vidência, “acessa” o mais recôndito saber que acomete o outro.

Brandão (1991) em seu *Dicionário Mítico – Etimológico*, conceitua Tirésias, o que tem capacidade de “visão”, aptidão esta, denominada de *mántis*⁴. A cegueira e a *mantéia* de Tirésias eram consequência de um castigo e de uma compensação. Hera o torna cego, por ele afirmar que o mais de gozar está do lado do feminino, proferindo a superioridade do gozo feminino, revelado o segredo se institui o castigo, para compensar-lhe a cegueira e por

³ O ato de cegar-se é efetuado, quando ele vê o cadáver da mãe que enforcara-se, ainda dependurado. Ato este, praticado com o broche de Jocasta. Assim, Édipo fura os olhos na tentativa de romper com o que enxergava.

⁴ Mántis era a palavra grega que designava o vidente, o intérprete da linguagem divina. O saber do mántis ultrapassava as categorias de espaço e tempo, delimitadoras do homem comum. Nessa medida o portador da vidência *sabe o que foi, o que é e o que será*. Cf. BINGEMER, M.C. L. & YUNES, Eliana. *Profetas e profecias: numa visão interdisciplinar e contemporânea*. Loyola. 2002.

"gratidão", Zeus concedeu-lhe o dom da *mantéia*, da profecia e o privilégio de viver sete gerações humanas.

Em Tirésias temos o “olhar” a mais, a visão é de outra ordem. É ele que para além do ver, alerta que Narciso viveria muitos anos *si non se uiderit*, "se ele não se vir"⁵. Também é ele que revela a verdade dolorosa a Édipo, sobre os mistérios que cercam a origem do rei de Tebas.

Desse modo, o mito de Tirésias configura-se num algo a mais, em vista da visão a menos:

são os olhos que não mais podem ver, mas situam uma ausência. Esta aponta para a dimensão do olhar, por deixar descoberto o abismo em que os olhos deveriam se situar, o buraco negro sob as pálpebras, colocando em cena a proposta de que “ali onde falta a visão, advém o olhar”⁶ (MOTTA & RIVERA, 2005, p. 674).

Diante do exposto, verificamos melhor a visão, situada ao nível dos olhos, e o olhar, enquanto objeto da pulsão escópica. Abarcadas e/ou reunidas no vidente mais famoso e conceituado da mitologia.

⁵ Cf. BRANDÃO, J.S. *Mitologia Grega*. Vol. II. Vozes 1987.

⁶ Cf. Scheinkman, D. *Da pulsão escópica ao olhar: um percurso, uma esquizo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

METODOLOGIA

Inicialmente, verificamos a fortuna crítica disponível sobre o tema, a partir de então, elencamos uma análise vertical sobre os autores (Freud e Lacan) pelo método da genealogia conceitual, a saber, pulsão escópica e seu aspecto dicotômico olho/olhar. Num segundo momento, desenvolvemos uma análise horizontal aplicando os conceitos condizentes ao assunto, juntamente com o uso de comentadores do tema, pela via da hermenêutica, arte e ciência da interpretação, conforme preconiza Ricoeur (2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, fica a sabedoria poética, que chega-nos através dos mitos, alhures, que a psicanálise é capaz de (re)visitar e de lá fazer um mais além. Daí insurge a inquietação do tema da pulsão escópica que, por sua vez, impulsionou-nos a “olhar” e tentar captar a sabedoria entrelaçada aos mitos ora expostos. Melhor pondera Quinet, “O conceito de pulsão escópica permitiu à psicanálise restabelecer uma função de atividade para o olho não mais como fonte da visão, mas como fonte da libido” (2002, p.10).

Diante desta investida escópica da psicanálise, direcionada a mitologia é que apreendemos, nos dizeres de Quinet, “Lá onde estava a visão, Freud descobre a pulsão”.

Em vista do que se expõe, verificamos que a psicanálise “ver” o olhar como fonte de libido. Temos, conseqüentemente, aí, a arte do bom encontro entre psicanálise e mitologia, que por sua vez, forneceram sentido para a configuração da humanidade. Nas articulações aqui traçadas, a arte mitológica oferta e está sob os meandros de um *continuum* demasiado de contribuições conceituais para psicanálise que, ao momento, permitem-se ver, mas ainda não se deixam enxergar.

SCOPIC DRIVE: LOOK, PSYCHOANALYSIS & MYTHOLOGY

ALVES, E.R.M.S

ABSTRACT

This theoretical study is built on dialogue between psychoanalysis and mythology. Tied by reading Freud (1915) and Lacan (1964) aims to relate and / or identify the concept of scopic drive with the look, in Greek mythology. Therefore, this research took place from cutout of the following myths: Argos, Medusa, Narcissus, Oedipus and Tiresias, interpreted in a psychoanalytic perspective. The importance of mythology to science founded by Sigmund Freud is astounding, considering that most psychoanalytic theory was based on myths, emerging, hence, the main key concepts of psychoanalysis.

KEYWORDS: Scopic drive. Psychoanalysis. Mythology. Look.

REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. *O Olhar e A Voz – lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1999.
- BRANDÃO, J. S. *Mitologia Grega I*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- _____. *Mitologia Grega II*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- _____. *Mitologia Grega III*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- _____. *Dicionário Mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- CARVALHO, Raimundo N. Barbosa de. *Metamorfoses em Tradução*. São Paulo: 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FREUD, S. *Pulsões e destinos das pulsões*. (1915). In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- LACAN, J. (1964). O seminário. Livro XI. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. 7ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Oleira Ciumenta*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MÉNARD, René. *Mitologia greco-romana*; tradução Aldo Della Nina. São Paulo: Opus, 1991.
- MOTTA, L. A.; RIVERA T. *O fascínio do ver e a angústia do olhar: sobre o corpo e a subjetividade*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, vol. VIII, n. 4, p. 665-678, 2005.
- NASIO, Juan. David. *O olhar em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- QUINET, A. *Um olhar a mais – ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 312 p.
- ROUDINESCO, E. & PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- RICOEUR, P. *Hermenêutica e ideologias*. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. *A morte nos olhos – figuração do Outro na Grécia Antiga: Ártemis e Gorgó*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.